

Máquinas DADA -

Sociedade moderna, transgressões morfológicas e juízo estético.

Key words: Machinery art, Modernism, DADA, Picabia, Duchamp, Grosz, Aesthetic Judgement.

A presente proposta pode descrever-se como uma interpretação da glosa por George Grosz e John Heartfield de uma frase de Konstantin Umanski a respeito da “nova arte na Rússia” (1919) - *Die Kunst ist tot - Es lebe die neue Maschinenkunst Tatlins* (A Arte está morta – Viva a nova Arte das Máquinas de Tatlin!).

Nas últimas décadas do século XIX e nos anos 1910 é possível identificar três núcleos de formação e disseminação do tema da máquina como questão teórica (na Engenharia, na Ciência e na Filosofia), sociológica e artística.

O primeiro desses núcleos define a moldura das teorias tecnológicas da técnica, de acordo com o perfil epistemológico da “ciência das máquinas” dos engenheiros do século XIX, que haviam descrito as condições de fabrico, o destino industrial e os efeitos sociais de certos engenhos tecnológicos aplicados ao trabalho humano. Uma segunda linha, abre-se nas descrições filosóficas sobre a industrialização e os efeitos do progresso técnico, segundo fórmulas das “Filosofias da Técnica” que continuaram na linha de Ernest Kapp, dos movimentos socialistas, dos críticos do progresso e nas representações dos publicistas sobre os efeitos da Guerra. Uma terceira orientação é patente nos projectos artísticos que se desenvolveram no princípio do século a partir do Futurismo e do movimento DADA e que vieram a assumir os objectos industriais, as máquinas e o que se chamará *cyborg* (v.g.: Hannah Höch e Raoul Hausmann) não só como temas mas desde logo nas expressões materiais da arte na pintura, escultura, na música ou na literatura, em alguns casos segundo um programa de crítica da sociedade, estimulando, igualmente, uma nova relação entre a Arte e o público.

A máquina como tema da comunicação moderna atravessa assim o período de nascimento do Modernismo na Arte, desde as propostas do Futurismo, confundindo-se parcialmente com algumas das suas expressões temáticas e materiais mais emblemáticas, entre outros nos trabalhos de Francis Picabia, Raoul Hausmann e de Marcel Duchamp, logo na década de 1910, e em George Grosz nas décadas de 1910-1920, em associação com o DADA.

A mecanização do corpo e da sexualidade e as padronizações industriais dos objectos de consumo são glosados, entre ironia e paródia, nos temas, e simulados nas formas expressivas e materiais da arte ao longo da metamorfose das formas cubistas de F. Picabia em *La Source* (1912) *Edtaonisl* (1913), até chegar às expressões mecânicas explícitas com *Ici, c'est Stieglitz* (1915), *Réverence* (1915), *Portrait d' une jeune fille americaine dans l' état de nudité* (1915) *Fille née sans mère* (1916), *Machine tournez vite* (1916) ou *Le Lierre unique Eunuque* (1920); em M. Duchamp com os famosos ready-made, com *La mariée mise à nu par ses célibataires, même* (1915-23) e, em G. Grosz, nos trabalhos *Ein Opfer der Gesellschaft* (1919), *Republikanische Automaten* (1920), com John Heartfield - *Der Wildgewordene Spiesser Heartfield* (1920) ou *Methusalem* (1922).

O recurso aos múltiplos meios expressivos, a sua amálgama, sobreposição ou glosa recíproca, a crise morfológica da arte convencional no transmorfo que é

o objecto industrial-artístico ou nas máquinas esculturais de Tatlin, constitui o que directamente forma a expressão social da arte nestes criadores.

Proponho descrever, em *primeiro lugar*, o significado da adopção modernista dos objectos industriais como tema e formas materiais da comunicação artística, no Leste (Vladimir Tatlin) e no Ocidente europeu, assim como nos EUA, exemplificando com os trabalhos de Francis Picabia, Marcel Duchamp e George Grosz, particularmente na década de 1910.

Em *segundo lugar*, mostrarei como a ironia, paródia ou crítica social de autores ligados ao DADA se explica pelo paradoxo autológico do *carácter social da crítica social da arte*, em vez de situar a sociedade de fora da Arte. Com efeito, uma parte relevante da produção artística destes criadores ao se descrever como destruição da arte convencional de uma sociedade decadente gera, na própria materialidade dos seus recursos, o que define a sociedade como sociedade moderna, ancorada na divisão técnica do trabalho e na automação trans-humana, mas também expressa na impermanência de todas as coisas, numa anti-ordem, assim como na abertura a possibilidades práticas, conceptuais e de comunicação com o público que não se haviam antes antecipado.

Em *terceiro lugar*, a apresentação vai propor um novo enquadramento do que na periodização da Arte e da Literatura se chamou Modernismo na relação deste com a transformação crítica do juízo estético na acepção do século XVIII, de Shaftesbury a Kant (em Kant, em especial, na doutrina do juízo da *Crítica da Faculdade de Julgar*). Considera-se que a forma do juízo estético do Iluminismo supunha a previsibilidade da comunicação e a convergência entre expectativas sociais, percepção e sentimento estético. Para isso, tinha de conceber o sistema social como um tipo particular de ordem, regulado intencionalmente, e a morfologia dos objectos artísticos tinha de a acompanhar. O Modernismo solapou na nova morfologia dos objectos artísticos, especialmente nos transmorphos industriais e maquínicos, a previsibilidade da comunicação da anterior auto-descrição da sociedade (Niklas Luhmann) como ordem, de onde resultou que a “Arte das máquinas” não pode já criar nem o Belo nem o Sublime. Daqui se concluiu pela “morte da Arte” ou pela “morte da Estética”. O que está em causa é, contudo, o nó cego entre a imprevisibilidade da comunicação da sociedade moderna e a instabilidade morfológica da Arte, com consequências na percepção estética e na construção antecipatória dos públicos da Arte.

Nos criadores comentados, o Modernismo é um *realismo da velocidade metamórfica*, que não cabe já nas possibilidades do juízo estético do século anterior. Veremos quais as novas exigências e que novo tipo de juízo estético é reclamado.

Bibliografia condensada:

Biro, Matthew (2009) *The Dada Cyborg. Visions of the new Human in Weimar Berlin*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Danto, Arthur (1997) *After the End of Art*. New Jersey: Princeton University Press.

Demos, T. J. (2007) *The Exiles of Marcel Duchamp*. Cambridge (Mass.): The MIT Press.

Luhmann, Niklas (1995) *Die Kunst der Gesellschaft*. Frankfurt/M: Suhrkamp.

Vorländer, Karl (Hrsg.) (1922) *Kants Kritik der Urteilskraft*⁵. Leipzig: Felix Meiner.